

A MULHER DA CASA ABANDONADA: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA DO JORNALISMO INVESTIGATIVO EM FORMATO PODCAST

Julia Felício Prudêncio¹

Nadia Regia Almeida Couto²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo geral compreender as características da narrativa do jornalismo investigativo no podcast “A Mulher da Casa Abandonada”. Os objetivos específicos são: abordar a trajetória e conceitos de jornalismo investigativo, entender a influência das radionovelas nos podcasts investigativos e analisar o podcast “A Mulher da Casa Abandonada”. A fundamentação teórica teve como base intelectual autores como Fortes (2005), Sequeira (2005), Falcão e Temer (2019), Aguiar (2006) e Winch e Borelli (2015). Para essa análise, foi necessário compreender a herança do jornalismo investigativo presente ainda hoje no rádio e sua influência no podcast, com base nas noções apresentadas inicialmente por Oliveira, Limeira e Kneipp (2022). Para compreender a criação da narrativa do podcast, uma entrevista com o autor Chico Felitti foi realizada para entender o ponto de vista do criador sobre o caso e qual o processo de investigação foi realizado. Ao final, foram encontradas várias características da narrativa do jornalismo investigativo no podcast analisado, como a utilização de várias fontes, uma narração pessoal e estratégica, pesquisa minuciosa, busca ouvir os dois lados da história e cronologia de fatos. Além disso, para uma melhor experiência do ouvinte guiada pela narrativa encontrou-se uma forte presença do jornalismo investigativo e quando acompanhado de um bom *storytelling* a transmissão de sensação vivida pelo narrador fica muito mais real e fiel para o espectador. Para chegar a esse resultado, além da entrevista com o criador do podcast foram também analisados todos os episódios.

Palavras-chave: Jornalismo investigativo. Narrativa. Podcast. A Mulher da Casa Abandonada.

1 INTRODUÇÃO

Em primeiro plano, é importante entender o que define um podcast investigativo. O podcast, por si só, é um arquivo de áudio, em que não existem características próprias, mas algumas em comum, podendo ser elas uma linguagem mais simples, liberdade no modo de fala, produção mais pessoal e temas variados (FALCÃO; TEMER, 2019).

¹ Graduanda em Jornalismo no semestre letivo de 2024. E-mail: juliafeliciojornalismo@gmail.com

² Professora mestre do Centro Universitário UniSATC. E-mail: nadia.acouto@gmail.com

Já o jornalismo investigativo possui características próprias. Ele pode ser diferenciado do jornalismo comum pela complexidade da apuração de notícias durante a formação da reportagem e pela pressão colocada nos jornalistas durante a pesquisa (FORTES, 2005). Unindo os conceitos apresentados, percebe-se que os podcasts investigativos possuem uma narrativa que possibilita a imaginação dos ouvintes semelhante às radionovelas (OLIVEIRA; LIMEIRA; KNEIPP, 2022).

No podcast investigativo “A Mulher da Casa Abandonada”, a investigação começa com uma derrubada de árvore onde se encontra uma figura peculiar discutindo com os trabalhadores realizando o serviço. Com um gravador na mão, o jornalista Chico Felitti iria descobrir futuramente uma história cabulosa sobre a mulher que estava ali defendendo as árvores.

Diante desse quadro, este trabalho tem como problema de pesquisa: Quais as características da narrativa do jornalismo investigativo utilizadas no podcast “A Mulher da Casa Abandonada”? Desse modo, o objetivo geral é compreender as características da narrativa do jornalismo investigativo no podcast “A Mulher da Casa Abandonada”.

Já os específicos são: abordar a trajetória e conceitos de jornalismo investigativo, entender a influência das radionovelas nos podcasts investigativos e analisar o podcast “A Mulher da Casa Abandonada”

Este trabalho é relevante, pois o podcast é um arquivo de áudio que registra crescimento do número de ouvintes nos últimos anos. Em 2021 uma pesquisa mundial realizada pelo site Statista³ mostrou que o Brasil foi o terceiro país que mais consome esse tipo de conteúdo. O podcast “A Mulher da Casa Abandonada” foi o segundo mais ouvido no Brasil no ano de 2022 e se popularizou, pois contava a história de uma forma cronológica com uma visão jornalística e investigativa dos fatos.

No tocante aos procedimentos técnicos, do ponto de vista da natureza esta pesquisa é básica, pois marca o início de pesquisas mais avançadas. Segundo Oliveira (2020), “a pesquisa básica tem como objetivo ampliar o conhecimento em diversas áreas e parte dos elementos apresentados nessas pesquisas são de

³Disponível

<https://www.statista.com/chart/25847/percentage-of-podcast-listeners-around-the-world>. Acesso em: 05 jun. 2023.

em:

em:

caráter teórico”, fazendo com o que esse modelo possa ser relevante também dentro do universo acadêmico.

Com relação à abordagem, o estudo é qualitativo, pois, segundo Minayo (2004, p. 22), "responde a questões muito particulares", podendo ter importância quando se trata de “um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Quanto aos objetivos, esta pesquisa é exploratória e descritiva. Da visão exploratória, busca-se compreender o que seria o jornalismo investigativo dentro do formato podcast. Já do ponto de vista descritivo, busca detalhar o podcast “A Mulher da Casa Abandonada” para entender a composição do arquivo de áudio como um todo. Conforme Falcão e Temer (2019, p. 10), para ser um podcast precisa estar dentro de alguns critérios: “ao atender aos cinco critérios considerados indispensáveis ao jornalismo, o podcast, com base no recorte feito nesta análise, pode ser considerado como algo jornalístico”.

Segundo Gil (2002, p. 1), as pesquisas exploratórias “têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições”. Já as pesquisas descritivas, segundo o mesmo autor (2002), objetivam descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.

Já no tocante aos procedimentos técnicos, este trabalho é bibliográfico e de estudo de caso. Segundo Pizzani (2012, p. 53), o estudo bibliográfico “é uma das etapas da investigação científica e – por ser um trabalho minucioso – requer tempo, dedicação e atenção por parte de quem resolve compreendê-la”.

Já o estudo de caso busca utilizar de uma questão específica para ser estudada. Segundo Ventura (2007), os estudos têm em sua maioria foco individual de pesquisa, semelhante a casos clínicos. Ainda como procedimento técnico, para

este estudo foi realizada uma entrevista semiestruturada com o criador do podcast, o jornalista Chico Felitti.

2 JORNALISMO INVESTIGATIVO

Historicamente falando, é difícil achar um registro de criação do jornalismo investigativo. Para Kovach e Rosenstiel (2003), o prêmio Pulitzer⁴, de 1964, foi um marco para a categoria, já que nesse ano uma série de matérias investigativas sobre corrupção local fizeram com o que o jornal estadunidense *Philadelphia Bulletin* recebesse o prêmio.

A nova categoria do Prêmio Pulitzer era denominada "Reportagem Investigativa". Executivos dos jornais de todo o país que administravam o Pulitzer sob auspícios da Universidade de Columbia haviam criado essa nova categoria para substituir uma antiga, a chamada Reportagem Local. Davam assim maior ênfase ao papel da imprensa como um setor ativo, reformista, denunciador (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 169).

Além disso, nos Estados Unidos, para Kovach e Rosenstiel (2003), o caso Watergate foi de grande importância para o desenvolvimento do jornalismo investigativo. Para lembrar, Fortes (2005, p. 18) explica que

[...] trata-se do episódio de escuta ilegal na sede do partido democrata dos Estados Unidos, no Edifício Watergate, em Washington, por gente ligada ao governo republicano de Richard Nixon. O caso abalou a história americana e provocou a renúncia de Nixon.

Com isso, foi descoberto que o plano tinha como objetivo montar uma fonte de vazamento de informações. Para Sequeira (2005, p. 28), o caso tornou-se um marco por conta “da forma como o jornal *The Washington Post*, no início da década de 1970, cobriu o caso Watergate. Uma das consequências imediatas para o jornalismo americano da cobertura em questão foi a reformulação da sucursal de Washington do jornal”.

Já no Brasil o jornalismo investigativo só conseguiu aparecer em destaque depois da ditadura militar (1964-1985), por conta do período de censura da

⁴ O Pulitzer é um prêmio estadunidense outorgado a pessoas que realizam trabalhos de excelência na área do jornalismo, literatura e composição musical. É administrado pela Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque (MATOS; SOUZA; LARA, 2014).

época. Ao fim da repressão, em 1985, os jornalistas começaram a ir mais a fundo nas suas reportagens, podendo investigar melhor as informações. Sendo que só na era Collor a investigação pode ser colocada em prática, podendo ficar “mais solta”.

Foi na Era Collor, no entanto, que os métodos de investigação se tornaram organizados dentro das redações. Os sucessivos escândalos ocorridos entre 1990 e 1992, durante a gestão do presidente Fernando Collor de Mello, resultaram em uma febre investigatória francamente disseminada na imprensa nacional. Pode-se dizer que o impeachment de Collor é o marco zero do jornalismo investigativo no Brasil. A partir dele, jornalistas e donos de empresas de comunicação viram-se diante de uma nova e poderosa circunstância, com consequências ainda a serem dimensionadas (FORTES, 2005, p. 9).

Os registros do jornalismo investigativo se perderam com o tempo devido ao conturbado período da tomada dos militares. De acordo com Melo (2016), um dos primeiros registros da expressão “jornalismo investigativo” é de 1974, em uma obra de Alberto Dines denominada “O papel do jornal: uma releitura”.

2.1 CONCEITOS

O jornalismo investigativo é diferenciado e tem algumas características próprias para que assim seja considerado “investigativo”. Segundo Fortes (2005), para realizar o jornalismo investigativo precisa seguir um passo a passo, sendo ele: pesquisa minuciosa, paciência e concentração, insistência e perseverança, curiosidade e desconfiança, discricção, checar, não ter preconceitos e, por fim, a frieza, objetividade e precisão, sempre aceitando “pitacos e palpites” de quem realmente entende do assunto. Para Fortes (2005, p. 30), o cenário que dá o contexto da matéria também define a categoria:

O que diferencia o jornalismo investigativo dos demais setores da atividade são as circunstâncias, normalmente mais complexas, dos fatos, sua extensão noticiosa e o tempo de duração que, necessariamente, deve ser maior, embora quase sempre exercido sob pressão.

Já para alguns o termo jornalismo investigativo parece estranho quando levado em fato a questão de que é ensinado que toda matéria e trabalho feito por um jornalista tem que ter uma investigação dos fatos por trás. De acordo com

Sequeira (2005, p. 15), o termo “jornalismo investigativo” pode ser considerado redundante:

Não se pode iniciar o estudo do jornalismo investigativo - tradução de *investigative journalism*, termo usual entre os norte-americanos - sem que antes seja colocada uma questão sempre presente nas reflexões de teóricos e profissionais de mídia: se a investigação é inerente à atividade jornalística, o termo "jornalismo investigativo" não seria redundante?

A partir da afirmação de Sequeira (2005), nota-se que o jornalismo investigativo não é só um gênero redundante, como também um dos mais atrativos do jornalismo, pois se remete ao gênero policial de investigação. Mas não de uma forma orgânica, como se esperasse os policiais fazerem o trabalho, mas sim de uma forma natural, onde o jornalista tem a autonomia e disponibilidade de criar sua própria investigação. Segundo Fortes (2005, p. 8), a investigação no jornalismo torna-se um fenômeno dentro da área. Em suas palavras:

Dessa casta de cunho quase policial desprenderam-se entidades corporativas, organizações de jornalismo investigativo com objetivo de sistematizar as condutas e manter uma troca aparentemente objetiva de idéias – e ideais – voltadas ao tema. Trata-se de um fenômeno mundial voltado para a disseminação de dicas, manuais e procedimentos acompanhados, em alguns casos, de palestras, cursos e bolsas de estudo.

Entretanto, para o jornalismo investigativo sair do tradicional, há alguns critérios para que possa divergir do convencional. Hunter e Hanson (2013), no livro “A investigação a partir de histórias - Um manual para jornalistas investigativos”, exibiram um quadro com as principais diferenças entre o jornalismo investigativo e o jornalismo convencional, o qual segue abaixo (quadro 1).

Quadro 1 - Jornalismo convencional e jornalismo investigativo

JORNALISMO CONVENCIONAL	JORNALISMO INVESTIGATIVO
Pesquisa	
As informações são reunidas e relatadas a um ritmo fixo (diário, semanal, mensal).	As informações não podem ser publicadas até que a sua coerência e completude estejam garantidas.
A pesquisa é completada com rapidez. Não se faz uma pesquisa adicional uma vez que a história esteja completa.	A pesquisa continua até que a história esteja confirmada, e pode continuar após a sua publicação.
A história se baseia em um mínimo necessário de informações, e pode ser bastante curta.	A história se baseia no máximo possível de informações, e pode ser bastante longa.
As declarações das fontes podem substituir a documentação.	A reportagem requer uma documentação capaz de apoiar ou negar as informações das fontes.
Relações de fontes	
A boa fé das fontes é presumida, frequentemente sem verificação.	A boa fé das fontes não pode ser presumida; qualquer fonte pode fornecer informações falsas; nenhuma informação pode ser utilizada sem verificação.
As fontes oficiais fornecem informações ao(a) repórter livremente, para promoverem a si e às suas metas.	As informações oficiais são ocultadas do(a) repórter, porque a sua revelação pode comprometer os interesses de autoridades ou instituições.
O(a) repórter deve aceitar a versão oficial da história, ainda que ele ou ela possa contrastá-la com comentários ou afirmações de outras fontes.	O(a) repórter pode desafiar ou negar explicitamente a versão oficial de uma história, com base nas informações de fontes independentes.
O(a) repórter dispõe de menos informações do que a maioria das suas fontes.	O(a) repórter dispõe de mais informações do que qualquer uma das suas fontes, considerada individualmente, e de mais informações do que a maioria delas em conjunto.
As fontes são quase sempre identificadas.	As fontes frequentemente não podem ser identificadas, em nome de sua segurança.
Resultados	
A reportagem é vista como um reflexo do mundo, que é aceito assim como ele está dado. O(a) repórter não espera obter resultados além de informar o público.	O(a) repórter se recusa a aceitar o mundo como ele se apresenta. A história visa a penetrar ou expor uma dada situação, para que seja reformada ou denunciada, ou, em certos casos, para que se promova um exemplo de um caminho melhor.
A reportagem não requer um engajamento pessoal por parte do(a) repórter.	Sem um engajamento pessoal do(a) repórter, a história nunca será completada.
O(a) repórter busca ser objetivo(a), sem viés ou juízo de valor em relação a qualquer uma das partes envolvidas em uma história.	O(a) repórter busca ser justo(a) e escrupuloso(a) em relação aos fatos da história, e com base nisso pode designar as suas vítimas, heróis e malfeitores. O(a) repórter também pode oferecer um juízo de valor ou veredito sobre a história.
A estrutura dramática da reportagem não é de grande importância. A história não precisa ter um final, pois as notícias continuam.	A estrutura dramática da história é essencial para o seu impacto, e leva a uma conclusão que é oferecida pelo(a) repórter ou por uma fonte.
Erros podem ser cometidos pelo(a) repórter, mas eles são inevitáveis e, normalmente, não têm muita importância.	Os erros expõem o(a) repórter a sanções formais e informais, e podem destruir a credibilidade do(a) repórter e do(s) meio(s) de comunicação.

Fonte: Hunter e Hanson (2013, p. 9).

Pensando também em explicar essas diferenças presentes no jornalismo investigativo, e fugir da redundância do termo apresentada por Sequeira (2005), Daniel Santoro (2004, p. 24, tradução nossa) apresenta três características que definem uma investigação jornalística:

- 1) ela é realizada pelo jornalista, não pela Justiça, pela polícia ou por particulares interessados;
- 2) ela é realizada com a superação de obstáculos dos que tentam manter a informação oculta;
- 3) ela trata de temas que interessam a opinião pública.

Para Santoro (2004), a investigação pode exigir uma publicação imediata, mas também é necessário se ter mais informações que complementam a notícia, como por exemplo pontos de vista ou dados novos.

Se durante uma busca se obtém uma investigação judicial, por exemplo, é razoável publicá-la imediatamente, porém como uma notícia à qual se deve agregar algum valor jornalístico como antecedentes, novos dados ou a versão dos acusados. Notícias são também nosso negócio, mas não entram no elenco de investigação jornalística (SANTORO, 2004, p. 24, tradução nossa).

Durante muito tempo eram necessárias fontes oficiais para relatar e expor casos, ou até mesmo ir presencialmente realizar as investigações, mas hoje com a internet existem bancos de dados e registros virtuais que facilitam as buscas e investigações. Segundo os dados disponibilizados no site do Governo Federal, no último levantamento feito pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, no ano de 2021, o número de domicílios com acesso à internet no Brasil chegou a 90%. Este dado comprova que hoje em dia o acesso à informação é facilitado, tanto para a pessoa comum quanto para o jornalista que precisa buscar.

Mas uma pesquisa elaborada e bem feita vai muito além do acesso à internet. Para Dines (2009, p. 110), o jornalismo investigativo “relaciona-se com o jornalismo interpretativo e analítico, não apenas com jornalismo de sensações ou de escândalos”.

2.2 NARRATIVA NO JORNALISMO INVESTIGATIVO

A narrativa é capaz de trazer contexto para a história a ser contada. Dentro do jornalismo investigativo a cronologia dos fatos costuma ter relevância para a melhor compreensão dos acontecimentos a serem descritos.

A forma narrativa de contar as coisas está impregnada pela narratividade, a qualidade de descrever algo enunciando uma sucessão de estados de transformação. É a enunciação dos estados de transformação que organiza o discurso narrativo, que produz significações e dá sentido às coisas e aos nossos atos (MOTTA, 2005, p. 2).

Ao escrever um texto e posicionar uma visão de mundo sobre o material escrito, a narrativa é desenvolvida. Ela pode ser considerada uma espécie de guia dentro do conteúdo apresentado.

A narrativa traduz o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo (o conhecimento sobre a natureza física, as relações humanas, as identidades, as crenças, valores e mitos, etc.) em relatos. A partir dos enunciados narrativos somos capazes de colocar as coisas em relação umas com as outras em uma ordem e perspectiva, em um desenrolar lógico e cronológico. É assim que compreendemos a maioria das coisas do mundo (MOTTA, 2005, p. 5).

Entretanto, dentro do jornalismo, para Resende (2006), o ato de narrar, dependendo do modo a ser executado, pode ser um problema devido ao fato da necessidade de imparcialidade e objetividade que os textos podem precisar buscar.

Nas narrativas jornalísticas, o ato de narrar é uma problemática a ser enfrentada. Nelas, a forma autoritária de narrar as histórias mantém-se, e, de certa forma, com muitos agravantes por apresentar-se velada. Envoltos no real e na verdade como referentes, além de trazer a imparcialidade e a objetividade como operadores, o discurso jornalístico tradicional – aquele que é epistemologicamente reconhecido – dispõe de escassos recursos com os quais narrar os factos do quotidiano (RESENDE, 2006, p. 8).

Para Winch e Borelli (2015), a construção da narrativa pode ser uma estratégia de escrita. Dependendo do modo a ser produzida, a pesquisa documental que é apresentada pode enfatizar fatos específicos na estrutura da história a ser contada. “A reportagem repete, explica e enfatiza onde apurou as informações para embasar sua narrativa. Podemos interpretar isso como uma estratégia discursiva, na

medida em que reforça o efeito de verdade da matéria” (WINCH; BORELLI, 2015, p. 264-276).

As narrativas constroem a história a ser contada. Elas podem escolher pontos de vista a serem contados e estabelecer visões e pensamentos sobre os assuntos, e dentro do jornalismo elas são construídas por meio dos relatos das fontes.

Assim, em se tratando do jornalismo, apropriar-se da ideia de narrativas enquanto discurso e narração é uma problemática a ser enfrentada, haja vistas as questões que este caminho suscita. Por exemplo, no âmbito específico desta reflexão, ao problematizar aspectos relativos ao papel do jornalista e à questão das vozes que operam o discurso e dos sujeitos nele representados, as análises realizadas colocam em evidência o caráter (que se pressupõe) dialógico do discurso jornalístico (RESENDE, 2009, p. 36).

Para Aguiar (2006), a notícia é uma “construção narrativa da realidade”, e para Motta (2005) as narrativas buscam envolver e prender a atenção do leitor, ouvinte e telespectador por meios que façam sentido. No jornalismo, o texto utiliza-se do lead, respondendo perguntas como: quem, o que, onde, quando, como e por quê. Quando essas questões são respondidas, a história começa a ser introduzida e deve ser mais facilmente compreendida por quem consome o conteúdo.

Para reconstituir de forma coerente uma narrativa jornalística, o analista precisa observar a continuidade e justaposições temáticas a partir da recorrência de um mesmo tema nas notícias isoladas. Essa recorrência pode ser procurada também nas circunstâncias, personagens, cenários, situações e nos encaixes (ganchos) da sucessão de estados de transformação. Algumas vezes, a determinação do início e do final dessa nova narrativa precisa ser decidida pelo analista de forma mais ou menos arbitrária. Mas, sempre de maneira rigorosa, coerente e justificada (MOTTA, 2005, p. 4).

Além disso, para uma melhor compreensão, a presença de personagens é de extrema importância para que o público se envolva melhor na história. A construção de um nome e uma figura direciona o eixo da história a ser contada, pois envolve crenças, pensamentos e pontos de vista, o que para os jornalistas é conhecido como “lado da história”, e por isso a importância da procura de mais de uma fonte (MOTTA, 2005).

3 PODCAST

O podcast é um arquivo em áudio, disponibilizado na internet. Não tem uma definição específica, e cada programa tem uma personalidade própria e um modo de ser realizado. Segundo os conceitos de Falcão e Temer (2019), algumas das características mais comuns são: uma linguagem mais simples, liberdade no modo de fala, produção mais pessoal e temas variados.

Essa ideia de podcast dentro do Brasil é um pouco mais antiga do que parece. Apesar da popularização maior ser durante a pandemia, esse conceito de áudio no país surge um pouco antes. Com a evolução da tecnologia, esse formato começa a ser mais presente no início do século XXI dentro dos blogs, onde existia o costume de anexar áudios junto com os textos descritos.

O primeiro podcast oficialmente lançado no Brasil surgiu em 2004, com a criação do programa “Digital Minds”, apresentado por Danilo Medeiros. Entretanto, esse gênero começou a vir com mais força em 2006, com a criação de alguns podcasts que existem até hoje, como por exemplo o “Nerdcast”, apresentado por Alexandre Ottoni, conhecido como “Jovem Nerd”, e Deive Pazos, conhecido como “Azaghal”.

Atualmente, o Brasil é um dos grandes receptores da ideia do podcast. Zandt (2021) apresenta uma pesquisa realizada pelo site Statista, em que mais de 40% dos brasileiros viraram ouvintes, deixando o país na terceira posição dos países que mais consomem podcast no mundo, ficando atrás somente da Suécia e da Irlanda. Essa porcentagem de 40% é equivalente a 30 milhões de ouvintes.

De acordo com retrospectiva feita pelo Spotify, uma plataforma de áudio conhecida pela reprodução de podcast, o podcast “A Mulher da Casa Abandonada”, objeto deste estudo, levou o segundo lugar dentre os mais ouvidos no Brasil no ano de 2022 (AGUILERA, 2023). O podcast é do gênero investigativo e conta a história de uma mulher chamada Margarida Bonetti, que foi acusada de manter uma empregada em condições análogas à escravidão nos Estados Unidos.

3.1 HERANÇA DAS RADIONOVELAS NA NARRATIVA DO PODCAST INVESTIGATIVO

A criação do podcast se relaciona muito com programas de rádio. Segundo Scolari (2015), o áudio adaptou-se e cresceu dentro do novo formato de mídia. Pensando nisso, nota-se que o podcast está relacionado não só com o rádio dos tempos modernos, como também carrega a herança de programas antigos, como por exemplo as radionovelas. A primeira radionovela transmitida no Brasil, “Em busca da felicidade”, foi ao ar em 5 de junho de 1941, pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

De acordo com Calabre (2007, p. 4), os esquetes no rádio eram frequentes:

Eram comuns os “teatros em casa”, os “radiatros”, os inúmeros esquetes teatrais presentes nos mais variados programas das emissoras de rádio de diversas regiões do país ou ainda algumas dramatizações em dois ou três capítulos.

Segundo o pensamento de Oliveira, Limeira e Kneipp (2022, p. 97), uma das características que se assemelham é a capacidade de estimular a imaginação do ouvinte sonoramente:

O processo de produção desenvolvido pelas audiosséries (podcasts) explora as múltiplas potencialidades da linguagem radiofônica e se apresenta como uma ferramenta capaz de estimular a imaginação e consequentemente a sua experiência imersiva com a narrativa. Essa nova linguagem também amplia o horizonte das séries tradicionais e ficções radiofônicas mostrando uma reconfiguração das mesmas em um cenário de convergência, midiatização e crescente produção de podcast.

O formato de *storytelling*⁵ por trás da construção de um podcast é semelhante à construção das radionovelas, audiodramas e radioteatros que se ouvia (OLIVEIRA; LIMEIRA; KNEIPP, 2022). Para Balsebre (2004, p. 329), a linguagem radiofônica pode ser descrita como um “conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música, dos efeitos

⁵ *Storytelling* é uma técnica narrativa que consiste basicamente em pegar discursos e ações para transformá-los em relatos, “ao enfatizar a narração e descrição, há um esforço de recriar cenas e personagens, tarefa estética de despertar sensações no consumidor de notícia, seja ela impressa ou audiovisual” (CUNHA; MANTELLO, 2014, p. 58).

sonoros e do silêncio” que se juntam com o modo a ser produzido e o conjunto de fatores que “caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual dos ouvintes”. Dessa forma, esse formato de áudio faz com o que o ouvinte tenha a “sensação de ver um filme sem imagens” (OLIVEIRA; LIMEIRA; KNEIPP, 2022, p. 103).

3.2 JORNALISMO IMERSIVO NO FORMATO PODCAST

Hodiernamente existem diversos modos de envolver os ouvintes dentro das histórias, principalmente com os avanços da tecnologia que podem transformar a experiência em uma expansão da realidade, conhecidas como realidade virtual (VIANA, 2021). Com essa ideia em vista, compreende-se como as novas tecnologias podem melhorar a experiência do ouvinte, de modo que se sinta um real participante da história.

Propomos uma reportagem através de uma aplicação de Realidade Aumentada, em que o ouvinte pode “aumentar” uma camada auditiva a partir de um trigger, i.e. gatilho, e ouvir uma reportagem radiofônica tridimensional enquanto caminha ou pratica desporto, através dos headphones (PAIVA, 2019, p. 102).

O podcast é um formato que está em crescimento notório (PAIVA, 2019), que mostra a herança do rádio e a importância do áudio ainda hoje. Para Dominguez (2014, p. 420), o jornalismo imersivo em áudio tende a apelar para questões sensoriais, emotivas e interativas para que o ouvinte sinta-se parte do conteúdo.

Para Viana (2021), existem métodos narrativos que auxiliam a imersão do ouvinte dentro dos podcasts, sendo eles humanização do relato, narrativa em primeira pessoa, condução emocional, uso de sonoras, descrição de cenas e dos locais do acontecimento, ambientação do local e por fim o metajornalismo⁶. Desse modo, o ouvinte pode sentir que está vivendo a história que é contada.

⁶ O metajornalismo é o jornalismo dentro do próprio jornalismo (OLIVEIRA, 2010). É quando se usa da experiência e espaço do jornalismo para falar do mesmo.

4 ANÁLISE DE DADOS

A Mulher da Casa Abandonada é um podcast narrativo da Folha de São Paulo que investiga a história de vida de uma figura misteriosa. Ao todo tem sete episódios que duram em torno de 45 minutos e foram entregues ao público com lançamentos semanais. Mari é uma mulher que mora em uma mansão em Higienópolis, São Paulo, um dos bairros mais caros de se viver no Brasil. Ao longo da trama, o repórter Chico Felitti descobre que a mulher mente sobre a sua identidade (PODCAST..., 2022).

A história se passa em seis meses de apuração que começa por uma praça de São Paulo, vai a um subúrbio de Washington e passa até por uma empresa que faz foguetes e satélites para a Nasa. Explicado pelo próprio criador no início do primeiro episódio, o podcast é resumido dessa forma:

Eu sou Chico Felitti e esse é A Mulher da Casa Abandonada, um podcast investigativo da Folha que revela a inacreditável história de uma brasileira que vive há décadas numa mansão decadente em um dos bairros mais ricos do país. Que se esconde nas sombras da decadência, porque é procurada nos Estados Unidos por um dos crimes mais hediondos que uma pessoa pode cometer (PODCAST..., 2022).

Durante a investigação, Felitti descobre que por trás do pseudônimo “Mari” e de uma camada de pomada branca que passa no rosto, a mulher esconde a acusação de ter cometido nos Estados Unidos, 20 anos atrás, um crime hediondo. Ela escapou de um julgamento nos EUA e do FBI, e no podcast tem sua história contada pela primeira vez.

4.1 O PODCAST

4.1.1 Episódio 1: A mulher

Poucos dias antes do Natal de 2021, uma mulher que se apresenta como Mari está tentando impedir que funcionários da prefeitura de São Paulo cortem uma árvore. Enquanto ela tenta mobilizar vizinhos do bairro de Higienópolis, pessoas

sussurram que ela é a bruxa que mora na casa abandonada. Depois de perder a guerra contra a poda da árvore, a mulher se aproxima do repórter Chico Felitti.

Durante esse episódio notamos, como explicado por Fortes (2005), a presença no passo a passo da construção do jornalismo investigativo. Toda a parte de pesquisa minuciosa, paciência, concentração e a checagem estão presentes durante a narração do criador do podcast. Ele mesmo conta e descreve toda parte da sua investigação. Logo nos primeiros momentos fica claro quem é nossa personagem principal e sobre quem vai ser a história.

O primeiro episódio do podcast contém diversos elementos de sonorização que preenchem o conteúdo do áudio completando o *storytelling* a ser apresentado. Além de uma trilha sonora, que guia os sentimentos e emoções que podem ser passados ao público, a presença de sons ambientes como serras elétricas transformam a experiência auditiva do público. Assim como explicado por Oliveira, Limeira e Kneipp (2022), essa construção de narrativa era algo que se encontrava na época das radionovelas e audiodramas.

Como já abordado por Viana (2021), as experiências de imersão foram melhoradas com a presença da tecnologia. Além disso, a autora também afirma que existem diversos métodos narrativos que auxiliam essa sensação de submersão da história, dentre elas sonorização, humanização de relatos, condução emocional, sonoras e narrativa em primeira pessoa. Todos eles estão presentes no podcast.

Nos primeiros momentos do primeiro episódio, os ouvintes são guiados para se concentrar no corte da árvore, sem informações diretas e pessoais de quem é a mulher. Ela não recebe contexto, nem mesmo um nome. A primeira parte do podcast faz os ouvintes criarem expectativas do que vai acontecer depois.

4.1.2 Episódio 2: A casa

Buscando entender quem é a personagem da história, a vizinhança compartilha as histórias e relatos que sabe sobre a mulher que se identifica como Mari. Neste episódio a investigação vai mais a fundo e o público conhece um pouco mais sobre Margarida Bonetti, a mulher da casa abandonada. Natural do Brasil, Margarida é uma herdeira que cresceu na mesma mansão onde mora e que se

mudou para os Estados Unidos no fim da década de 1970. Retorna 20 anos depois, fugindo da polícia federal americana (FBI) e da acusação de ter cometido crimes em solo americano.

Para Fortes (2005), para realizar o jornalismo investigativo existe um passo a passo que tem que ser seguido. Dentro desse episódio, o *storytelling* se junta com a investigação e se cria uma narrativa onde se constrói a imagem de Margarida Bonetti, não só de quem ela é hoje, mas também de quem ela foi no passado. Com o decorrer da história e as descrições feitas, o imóvel abandonado torna-se quase um personagem.

Neste episódio outros pontos de vista em relação ao caso são colocados sobre a história. Como explicado por Fortes (2005), não ter preconceitos, aceitar “pitacos e palpites” de outras pessoas podem agregar dentro da investigação. E isso é feito por Felitti no decorrer da narração quando é apresentado ao público Mari Muradas, amiga do criador do podcast, que traz um ponto de vista pessoal e suas experiências e relatando o contato com a mulher da casa abandonada.

Para Motta (2005), trazer um personagem e caracterizá-lo ajuda nessa construção de narrativa, e Chico Felitti faz isso ao longo dos episódios. Neste em específico, durante o relato de sua amiga Mari Muradas, o jornalista busca transmitir ao público quem é Margarida Bonetti, de modo que a construção de imagem dela seja formada não só com os fatos descobertos por ele, mas pelas impressões dos outros, de modo cronológico, para que a narrativa imersiva faça com que o público sinta curiosidade em compreender mais sobre a figura misteriosa.

4.1.3 Episódio 3: Uma rua em silêncio

Para entender melhor quem é a mulher da casa abandonada, Felitti viaja ao passado para compreender mais sobre a pacata cidade americana de Gaithersburg, que foi o palco dos crimes que Margarida Bonetti foi acusada. No silêncio que cala a vizinhança, o jornalista encontra uma vizinha disposta a falar tudo o que presenciou e viveu ao lado de uma funcionária de Margarida.

Nesse episódio o público conhece a história da vida dela, a origem de seus crimes e também sobre seu marido, Renê Bonetti. Durante a narrativa, os

ouvintes descobrem que, por duas décadas, uma empregada doméstica morou na casa de quatro quartos da mulher, e além da empregada não receber salário era agredida frequentemente, como apontou uma investigação do FBI.

Nesta parte do podcast Felitti sai do Brasil para descobrir mais informações sobre quem é Margarida Bonetti. Para realizar a imersão da viagem a narrativa muda um pouco, dando a sensação ao ouvinte de troca de ambiente. Como observado por Viana (2021), quando as cenas e os locais dos acontecimentos são bem descritos, feitos com uma boa ambientação do local e o acréscimo de efeitos sonoros bem construídos, a imersão do ouvinte dentro do podcast pode ser mais eficaz.

Com a possibilidade da imersão fica mais fácil o ouvinte compreender a gravidade dos fatos e dos acontecimentos, pois se sente participante da investigação. Para Winch e Borelli (2015), a narrativa pode ser uma estratégia de escrita da história a ser contada, e dentro desse episódio é revelado para o ouvinte toda a história dos Bonetti e como a empregada doméstica brasileira acabou parando nos Estados Unidos em situação de trabalho análogo à escravidão.

Nesse episódio o foco maior é Renê Bonetti, trazendo a vida dele como o ponto central da narrativa, guiando o ouvinte a compreender o quão complexo é o caso a ponto de mudar de continente.

4.1.4 Episódio 4: Uma mulher e um homem livres

Em busca de respostas, Chico Felitti continua sua investigação internacional no caso. Ouvindo os relatos e seguindo a ordem cronológica de fatos apresentada pelas autoridades americanas, Felitti conta ao público que Margarida conseguiu fugir da Justiça americana quando se isola na mansão destruída no Brasil. Porém, Renê, seu marido, ficou nos Estados Unidos, onde foi julgado, condenado e cumpriu pena. Felitti então, 15 anos depois da saída de Renê da cadeia, busca descobrir mais sobre a pessoa que foi explorada pelo casal e que hoje vive protegida pelo governo americano.

Neste episódio, alguns trechos em inglês são colocados visando complementar a história, ambientando a situação. A presença de Vick Schneider,

vizinha que ajudou a empregada doméstica a fugir dos abusos, é bem mais forte neste episódio. Com as falas traduzidas, as sensações e emoções passadas pela sonorização induzem o público a viver o momento com intensidade, como se fossem também personagens da história.

Como explicado pelas autoras Oliveira, Limeira e Kneipp (2022), a produção realizada nas audiosséries (podcasts) permite explorar as várias potencialidades da linguagem radiofônica, tornando-se uma ferramenta de estimulação para a imaginação, causando uma melhor experiência imersiva com a narrativa. Neste episódio isso fica evidente quando as falas da vizinha são traduzidas e a descrição dos ambientes é feita detalhadamente pelo autor.

4.1.5 Episódio 5: Outras tantas mulheres

Voltando ao Brasil, o foco deste episódio é expor que o caso de exploração realizado por Margarida Bonetti não é o único. Nesta parte a equipe do podcast conta histórias similares que aconteceram em passado não muito longínquo em Minas Gerais, no Rio de Janeiro e em Santos. É trazida a visão de pesquisadoras que estudam a escravidão contemporânea e explicam por que o Brasil é um país que explora mulheres pretas, e como esses crimes sobreviveram até 2022.

Além disso, durante a investigação, fontes judiciais são trazidas para complementar a narrativa da história, porém todos os termos utilizados são traduzidos para o público, facilitando a compreensão e contextualizando a situação em que essas mulheres viviam e a irregularidade perante a lei que é apresentada.

Hunter e Hanson (2013) apontam algumas características do jornalismo investigativo, como a dedicação na investigação, pesquisa elaborada e o máximo de informação esclarecida, pontos que ficam bem evidentes neste episódio. Nele notamos a presença de informações bem apuradas, fontes oficiais, falas de especialistas e comparação com casos semelhantes que agregam na narrativa da história.

4.1.6 Episódio 6: Um fim que não é bem um fim

Após cinco meses de investigação do podcast, surge um impasse para a conclusão do trabalho, pois Margarida Bonetti desaparece. A equipe do podcast passa semanas tentando entrar em contato com a mulher, mas a mansão em pandarecos parece estar ainda mais abandonada. Vizinhos se dispõem a ajudar a encontrar a mulher da casa abandonada, enquanto um advogado criminalista analisa se ela ainda pode responder pelos crimes de que foi acusada 20 anos atrás.

As descrições detalhadas continuam neste episódio. Felitti, junto à produtora do podcast, Beatriz Trevisan, dá um contexto do cenário e do momento vivenciado por meio de sonoras e de retomada de fatos já explicados no podcast. O autor deixa claro suas vontades e objetivos de concluir o caso de Margarida Bonetti, que para ele parecia incompleto, e revela ao público que ocultou uma parte da história propositalmente desde o início da sua narração, pois segundo ele era importante que fosse contado somente nesta parte para construção de contexto do caso.

E assim o público descobre que Mari Muradas, uma das vizinhas da mulher da casa abandonada que sentia pena da mulher até saber da verdadeira história, é cidadã americana e entrou em contato com o FBI, dando dados completos sobre Margarida Bonetti. Mari não sabe o que eles fizeram com essa informação, mas sabe que a justiça não foi feita, pois a mulher segue em liberdade.

Ao esconder detalhes do público visando a uma melhor narrativa, fica evidente a liberdade do criador do podcast para a melhor construção de *storytelling* possível dadas as circunstâncias. Essa liberdade do autor do podcast de apresentar Mari Muradas no segundo episódio e apresentar para o público a informação que ele já possuía é uma liberdade permitida para a construção da narrativa, pois, como explicado por Motta (2005), a narrativa criada pode ser considerada uma espécie de guia dentro do conteúdo apresentado.

E dentro do jornalismo investigativo, como afirmam Winch e Borelli (2015), a construção da narrativa pode ser uma estratégia de escrita, ou neste caso de locução, que não só prenderá o ouvinte, mas seguirá uma ordem cronológica de

fatos que incentivam a formação de opinião a ser desenvolvida pelos ouvintes do conteúdo.

4.1.7 Episódio 7: A mulher da casa abandonada

Pensando já ter finalizado o podcast, Chico Felitti recebe uma ligação inesperada, e pela primeira vez em duas décadas Margarida Bonetti dá uma entrevista. Durante a ligação Margarida esclarece seu sumiço e diz que não tinha desistido da entrevista, apenas queria estar mais preparada para falar. E durante duas horas a mulher se defende das acusações da Justiça americana e diz que o FBI, congressistas e advogados tramaram um complô para aprovar uma lei que aumentou a proteção a empregadas domésticas de famílias estrangeiras nos Estados Unidos.

Como abordado por Motta (2005), trazer todos os pontos de vista da história agrega muito na construção da narrativa. Durante o decorrer do episódio, Felitti deixa claro que isso é o ponto de vista de Margarida Bonetti, que é “só uma entrevista” e que não necessariamente as situações apresentadas são verídicas. Com a reprodução dos relatos, os ouvintes compreendem melhor os pensamentos da mulher, e durante o episódio o apresentador busca sempre relembrar as informações oficiais contadas sobre o caso pela polícia, já que muitos fatos documentados divergem do ponto da mulher.

A ligação inesperada de Margarida Bonetti muda o planejamento do criador do podcast para o final, mas agrega o conteúdo a ser publicado por trazer, não só por documentos oficiais, mas também por relatos da fonte primária. Para Santoro (2004), a investigação pode exigir uma publicação imediata, mas tem que ser volátil quando se tem informações que complementam a notícia, como por exemplo pontos de vista ou dados novos.

E isso é explicado por Chico Felitti. No sexto episódio, “Um fim que não é bem um fim”, o público tem quase uma conclusão da história, com exceção da visão de Margarida Bonetti, e neste sétimo episódio ele abre mão do fechamento da série que tinha para trazer esse novo ponto de vista.

4.2 O AUTOR

Chico Felitti é um jornalista, sociólogo, escritor, podcaster e roteirista brasileiro. É formado em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP) e mestre em Escrita Criativa pela Columbia University. Já trabalhou em lugares como BuzzFeed Brasil, editora Glamura e Folha de São Paulo.

No dia 19 de julho às 17h10 foi realizada uma entrevista com o criador do podcast “A Mulher Da Casa Abandonada”, Chico Felitti, por meio da ferramenta de videoconferência Google Meet. A conversa durou aproximadamente 48 minutos e a gravação do diálogo e seu uso como fonte de material para a análise apresentada foram autorizados por ele.

4.2.1 Jornalismo investigativo na visão de Chico Felitti

Em conversa com o autor do podcast ele explica que não imaginava que história iria encontrar ali, apenas acreditava que existia uma história por trás de uma mansão que parecia estar abandonada. Após descobrir quem era a mulher ele já sabia qual seria o desfecho, pois já havia notícias antigas que contavam essa história e os crimes que a mulher tinha cometido.

Quando se trata de um assunto delicado, o cuidado e tato ao falar com as fontes é necessário para conseguir manter a pessoa confortável durante a conversa. Para o jornalista, saber como guiar a entrevista é necessário para uma melhor relação com a fonte, sempre tendo consciência de que coisas pode conversar ou não.

No caso da investigação da “Mulher da Casa Abandonada”, a entrevista foi delicada e, nas palavras de Chico Felitti, “muito emocional, cheia de detalhes e lugares tristes, onde não se pode apressar nada para respeitar os limites das outras pessoas”. Para Resende (2009), as narrativas permitem elaborar o ponto de vista a ser contado. Dentro do jornalismo elas influenciam o leitor a compreender os “lados da história” (MOTTA, 2005, p. 4).

Entretanto, durante a busca pela verdade Margarida Bonetti também foi entrevistada. A conversa, presente no último episódio, finaliza o podcast com o ponto de vista da agressora sobre o caso, porém muito divergente dos dados oficiais apresentados pela polícia americana, fazendo com o que às vezes seja necessário “ser um pouco mais duro e confrontar a pessoa com atos e fatos”, como explicou Chico Felitti na conversa com a autora.

No início de sua investigação o jornalista pensava se tratar de um caso de uma mulher que era vítima de misoginia, e no decorrer da busca descobriu que na verdade era uma mulher que fugiu do FBI. Com isso ele conseguiu mais informações, pois o caso já havia sido noticiado e esquecido, então o autor sabia que teria que ir para os Estados Unidos entrevistar determinadas fontes para entender melhor a história.

4.2.2 Construção da narrativa imersiva

Segundo Felitti, ao estabelecer a história a ser contada, foi preciso compreender como seria a estrutura do podcast, definindo quantos episódios teria e como seria feita a narração. De acordo com o entrevistado, precisava entender se o *storytelling* começaria com o contexto de como ele descobriu a história ou por ordem cronológica da vida de Margarida Bonetti.

Durante a entrevista, o jornalista explica que a narrativa feita em primeira pessoa o torna um personagem da história também. Porém, não vira uma história comum de ficção, pois além de se basear em fatos reais não existem partes inventadas, apenas fatos verídicos, tornando-o um podcast de gênero jornalismo investigativo e não de crime ficcional.

Além disso, Felitti busca saciar sua curiosidade na investigação, pois segundo ele pode ser uma dúvida do ouvinte, porém mesmo sendo o ponto de vista dele, a história é contada de modo que ele não seja o foco principal da narrativa, mas sim a vida de Margarida Bonetti.

Em nenhum momento a história é sobre mim, não tenho nada a ver com essa história, mas é o meu ponto de vista. Eu sou só um ponto de entrada para o ouvinte. Porque a minha curiosidade vai ser a curiosidade do ouvinte

ou da ouvinte. Então o que eu vejo vai ali respondendo as dúvidas e assim se vai construindo um universo que também foi construído para mim⁷.

O roteiro criado pelo podcaster foi bem detalhado para que a experiência do ouvinte fosse imersiva na história. Para Dominguez (2014), o jornalismo imersivo em áudio tende a apelar para questões sensoriais, algo presente no podcast A Mulher da Casa Abandonada, pois a trilha que foi criada tinha como objetivo a ambientação e transmitir emoções e sensações para o ouvinte.

Como explicado por Winch e Borelli (2015), a construção da narrativa apresentada serve como estratégia e, segundo Felitti, a narração foi elaborada como um artifício para prender o público e mantê-lo como ouvinte fiel até o último episódio. Para uma melhor experiência do ouvinte a riqueza nos detalhes a serem descritos ajudam a compor a imagem visual dos cenários.

Faço foto de tudo e escrevo, a partir de uma foto que eu abro aqui no meu iPhone ou no meu computador que eu vou contar um número de janelas que a casa tem. Eu vou dizer a coisa certa porque eu não posso confiar na minha mente, mas se está registrado consigo detalhar com muito mais certeza tudo o que eu vi⁸.

De acordo com o jornalista, isso é algo que já é natural para ele por conta da experiência que já teve com outros podcasts, fazendo que assim a audiodescrição seja algo natural.

4.2.3 Investigação no exterior

Segundo os relatos de Felitti na entrevista realizada, a investigação internacional começou por conta da pouca informação que ele tinha sobre o caso. Como explicado por Dines (2009, p. 110), a pesquisa elaborada vai além de dados computados na internet, o jornalismo investigativo “relaciona-se com o jornalismo interpretativo e analítico, não apenas com jornalismo de sensações ou de escândalos”.

A investigação no exterior tinha como foco agregar na construção de imagem da personagem apresentada, porém nem tudo era necessário expor e

⁷ Trecho retirado da entrevista concedida à autora.

⁸ Trecho retirado da entrevista concedida à autora.

relatar. Durante a entrevista com o autor, foi questionado se Margarida Bonetti tinha filhos, algo que nunca foi citado no podcast. Segundo o jornalista, tinha sim, que teriam nascido nos Estados Unidos, mas que isso não tinha necessidade de trazer para o podcast por conta de que eles não se envolviam na história de nenhuma maneira.

Assim, o jornalista conta que começou a escrever para “toda e qualquer pessoa que pudesse ajudar”, e assim chegou em Vick Schneider, a vizinha citada no quarto episódio, que ajuda a vítima dos crimes de Margarida Bonetti. Segundo Leandro Fortes (2005), o jornalismo investigativo exige dedicação do jornalista e torna-se um fenômeno à parte. Coisa que fica evidente quando o jornalista se disponibiliza a ir até lá.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O podcast é um formato de áudio que está se popularizando cada vez mais. Dividido em categorias, o público consegue escolher qual nicho o interessa mais. O jornalismo investigativo precisa de uma narrativa bem elaborada e diferenciada quando criada para o formato podcast. Essa estrutura traz características semelhantes a conteúdos que eram feitos para o rádio antigamente. No ano de 2022, o podcast “A Mulher da Casa Abandonada”, objeto deste estudo, levou o segundo lugar dentre os mais ouvidos no Brasil. Por isso este trabalho tem como principal objetivo compreender as características da narrativa do jornalismo investigativo no podcast “A Mulher da Casa Abandonada”.

Quando se trata do presente objetivo, foram encontrados diversos fatores que compõem a narrativa do jornalismo investigativo dentro do podcast “A Mulher da Casa Abandonada”. Os principais foram: utilização de várias fontes, narração pessoal e estratégica, pesquisa minuciosa, busca ouvir os dois lados da história, cronologia de fatos, linguagem simples dentro do podcast para melhor compreensão do ouvinte, storytelling bem construído e semelhante ao rádio, estratégias imersivas para o ouvinte dentro da história e efeitos sonoros capazes de guiar as emoções dos ouvintes



Com isso, é importante retomar os objetivos específicos que foram estabelecidos durante a pesquisa, sendo eles: 1) abordar a trajetória e conceitos de jornalismo investigativo; 2) entender a influência das radionovelas nos podcasts investigativos; 3) analisar o podcast “A Mulher da Casa Abandonada”.

Em primeiro plano, quando se trata do primeiro objetivo, retomou-se toda a história e conceitos de criação do jornalismo investigativo. Mesmo sendo difícil de se encontrar uma data exata de criação do conceito da categoria, foram observados registros da utilização do termo “jornalismo investigativo” e analisados quais são as suas características como método de pesquisa mais aprofundada e o seu surgimento no Brasil após o período da ditadura militar.

Referente ao segundo objetivo, a pesquisa confirmou a presença da herança das radionovelas dentro dos podcasts narrativos por meio de semelhanças na sonoplastia, elementos descritivos e *storytelling*. No período de auge das radionovelas sua narrativa era elaborada de modo que prendesse os ouvintes nos rádios aguardando a continuação da história, algo feito também nos podcasts quando se pensava em manter o público lançando um episódio por semana.

Quando se trata da construção da narrativa do jornalismo investigativo em formato de podcast, foi compreendido que a liberdade do autor em narrar os fatos permite uma escrita que prenda os ouvintes, podendo manter uma informação relevante oculta dos ouvintes para que seja revelada no momento certo para complementar o *storytelling*. Mesmo se tratando de jornalismo investigativo, o podcast é um programa de entretenimento e é necessário manter a atenção do público até o último episódio.

Do mesmo modo, às vezes, para uma melhor experiência, precisa-se acrescentar a imersão do ouvinte dentro da história. Para que isso ocorra, algumas características são apresentadas, como boa sonorização, trilha sonora guiando os sentimentos e emoções e descrição do ambiente.

Respectivamente, quando se trata do terceiro objetivo, uma entrevista foi realizada com o criador do podcast Chico Felitti, para que assim fosse possível compreender a visão pessoal do autor sobre o modo que o podcast foi construído. Dentro do podcast "A Mulher da Casa Abandonada", além das características de

narrativa já listadas, para a inclusão do público na história, o criador Chico Felitti busca traduzir diversos momentos dos diálogos.

Por exemplo, quando ele vai aos Estados Unidos e traduz as entrevistas e nas partes em que ele conversa com um advogado especializado em direito internacional ele traduz o "juridiquês" para as "conversas do dia a dia", buscando facilitar o entendimento dos ouvintes sobre as conversas e falas de seus entrevistados.

Como possibilidade de estudos futuros, sugere-se explorar mais a relação do jornalismo imersivo em formato podcast, podendo analisar quais os principais pontos do jornalismo investigativo são necessários para se compor essa narrativa imersiva. Durante este trabalho notou-se que o podcast, quando focado no espectador, busca uma composição de características específicas que agregam na imersão da história e quando colocada junto ao jornalismo investigativo tudo torna-se mais real, pois a descrição precisa ser verídica e fiel aos fatos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leonel Azevedo. O jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade: notas introdutórias. **Alceu**, v. 7, n. 13, p. 73-84, jul./dez. 2006.

AGUILERA, Juliana. 10 podcasts que ficaram entre os mais ouvidos no Brasil e no mundo em 2022 para não deixar de ouvir em 2023. **Portal Guia da Semana**, [s./], 2023. Disponível em: <https://www.guiadasemana.com.br/estilo-de-vida/noticia/top-podcasts-no-brasil-e-no-mundo-spotify-para-ouvir-em-2023>. Acesso em: 05 nov. 2023.

BALSEBRE, Armand. **El lenguaje radiofónico**. 2 ed. Madrid: Cátedra, 2004.

CALABRE, Lia. No tempo das radionovelas. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 29, n. 49, p. 65-83, 2007.

CUNHA, Karenine; MANTELLO, Paulo. Era uma vez a notícia: *storytelling* como técnica de redação de textos jornalísticos. **Comunicação Midiática**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 56-67, 2014.

DINES, Alberto. **O papel do jornal e a profissão do jornalista**. São Paulo: Summus, 2009.

DOMINGUEZ, Eva. **Periodismo imersivo: la influencia de la realidad virtual y del videojuego en los contenidos informativos.** Barcelona: UOC, 2014.

FALCÃO, Bárbara Mendes; TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. O podcast como gênero jornalístico. **Anais [...].** 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, INTERCOM, – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Belém, p. 10-14, 2019.

FORTES, Leandro. **Jornalismo investigativo.** São Paulo: Contexto, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como classificar as pesquisas: como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

HUNTER, Mark Lee; HANSON, Nils. O que é jornalismo investigativo? *In*: HUNTER, Mark Lee (Org.). **A investigação a partir de histórias: um manual para jornalistas investigativos.** Uruguay: UNESCO, 2013. p. 7-12.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo.** São Paulo: Geração, 2003.

MATOS, Lucas Eduardo Avila de; SOUZA, Carlos Alberto de; LARA, Matheus Henrique de. **Prêmio Pulitzer de fotografia breakingnews: o valor notícia na fotojornalismo contemporânea.** 2014. 14f. Monografia (Doutorado em Jornalismo) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2014.

MELO, Seane Alves. Da grande reportagem ao escândalo político: os percursos do jornalismo investigativo no Brasil. **Revista Parágrafo**, v. 4, n. 2, p. 176-185, 2016, jul./dez. 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 23 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. **Anais [...].** 28º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, INTERCOM, Rio de Janeiro, 2005. p. 05-09.

OLIVEIRA, Leandro Teixeira de. Pesquisa básica pura: o papel do profissional biomédico. **Anais [...].** V Congresso Acadêmico Científico do UNIFESO CONFESO, Teresópolis – RJ, p. 36-261, 2020.

OLIVEIRA, Lorena Aracelly Cabral de; LIMEIRA, Maria Aparecida Borges; KNEIPP, Valquiria Aparecida Passos. Podcast reconfigura a radionovela na era digital: uma análise das áudiosséries Sofia e Gilmar Baltazar, detetive particular. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 13, n. 2, p. 97-118, 27 dez. 2022.

OLIVEIRA, Madalena. **Metajornalismo**: quando o jornalismo é sujeito do próprio discurso. Coimbra: Grácio, 2010.

PAIVA, Ana Sofia. Reportagem aumentada: uma proposta para o jornalismo radiofônico. In: CANAVILHAS, João; RODRIGUES, Catarina; GIACOMELLI, Fábio (Coord.). **Narrativas jornalísticas para dispositivos móveis**. Covilhã: LabCom.IFP, 2019. p. 101-121.

PIZZANI, Luciana; SILVA, Rosemary Cristina; BELLO, Suzelei Faria; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. RDBCI: **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 10, n. 2, p. 53-66, jul./dez. 2012.

PODCAST A Mulher da Casa Abandonada. [Locução de]: Chico Felitti. São Paulo: Folha de São Paulo, jun. 2022. **Spotify**. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0xyzsMcSzudBlen2Ki2dqV?si=ed5734521a3b4468>. Acesso em: 27 set. 2023.

RESENDE, Fernando. Jornalismo e enunciação: perspectivas para um narrador jornalista. In: LEMOS, André; BERGER, Christa; BARBOSA, Marialva (Org.). **Narrativas midiáticas contemporâneas**. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 8.

RESENDE, Fernando. O jornalismo e suas narrativas: as brechas do discurso e as possibilidades do encontro. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 31-43, dez. 2009.

SANTORO, Daniel. **Técnicas de investigación**. métodos desarrollados em diarios y revistas de América Latina. México: FCE, 2004.

SCOLARI, Carlos. **Ecología de los medios**: entornos, evoluciones e interpretaciones. Barcelona: Gedisa, 2015.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo investigativo**: o fato por trás da notícia. São Paulo: Summus, 2005.

VENTURA, Magda Maria. O estudo de caso como modalidade de pesquisa. **Revista SoCERJ**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 5, p. 383-386, 2007.

VIANA, Luana. O áudio pensado para um jornalismo imersivo em podcasts narrativos. **Comunicação Pública**, [s.l.], v. 16, n. 31, p. 1-19, 2021.

WINCH, Rafael Rangel; BORELLI, Viviane. Sentidos sobre o jornalismo investigativo no discurso de reportagens da Agência Pública. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 264-276, 2015.



ZANDT, Florian. Where Podcasts Are Most Popular. **Statista**, [s./l.], set. 2021.

Disponível em:

<https://www.statista.com/chart/25847/percentage-of-podcast-listeners-around-the-world>

Id. Acesso em: 05 jun. 2023.